UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA- LICENCIATURA

CLARA ROSANI JACOBUS HAAG

A ESCOLA COMO ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO E SUA CONTRIBUIÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA MORAL

São Leopoldo

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA-LICENCIATURA

CLARA ROSANI JACOBUS HAAG

A ESCOLA COMO ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO E SUA CONTRIBUIÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA MORAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Clevi Elena Rapkiewicz, DSc.
Tutora: Giselda Corrêa

São Leopoldo

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitora de Graduação: Profª. Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profª. Rosane Aragón de Nevado e Profª. Marie Jane Soares Carvalho

Dedico este trabalho às pessoas mais importantes da minha vida: meu marido e meus filhos, que me incentivaram a lutar pela conquista dos meus sonhos.
Aos meus alunos, que permitiram e contribuíram para a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, pelas noites em que ele colocou nosso filho na cama enquanto eu estudava, por toda a sua força, apoio, incentivo e compreensão.

Ao meu filho Augusto, por todo o seu apoio em relação às "questões tecnológicas".

Ao meu filho Henrique que embora sendo criança, tem a compreensão de um adulto, respeitando meus momentos de estudo.

À tia "Mimi", pelas muitas horas de dedicação cuidando do meu filho.

À colega e amiga Quélen, por dividir comigo as angústias durante todo o nosso curso e por ter me ensinado muita coisa.

À tutora Giselda, por toda a ajuda prestada durante o estágio e a elaboração do TCC.

Às professoras Tânia Marques, Jaqueline Picetti e às tutoras Liseane Camargo e Denise Severo, pelas contribuições e esclarecimentos prestados em relação ao TCC.

À minha orientadora, Clevi Rapkiewicz, pelos "puxões de orelha".

A todos que, de alguma forma, contribuíram para que este momento se tornasse realidade.

"[...] a criança adquire valores morais quando sua educação é acompanhada de vivências positivas que lhe interessam e com as quais está envolvida." (GONZALEZ REY, 2004)

RESUMO

Vivemos atualmente num momento em que educadores discutem sobre a real função da escola, percebendo a educação para a moralidade tão essencial quanto o desenvolvimento intelectual, objetivando o desenvolvimento pleno do indivíduo.

Este trabalho visa refletir sobre a função da escola como um espaço importante na construção do conhecimento social e do desenvolvimento moral da criança, o qual foi desenvolvido com base em algumas experiências vivenciadas com alunos de uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública do município de São Leopoldo, durante meu estágio do Curso de Pedagogia.

O referencial teórico está baseado nas teorias de Piaget sobre o desenvolvimento moral bem como de outros autores que abordam sobre a socialização da criança, tendo este trabalho como foco analisar como as atividades realizadas em grupo, a qualidade das relações interpessoais e do ambiente de sala de aula, possuem relação com o desenvolvimento moral das crianças, confirmando ser a escola um espaço de convivência importante no desenvolvimento social e moral de seus alunos, através das relações estabelecidas entre os mesmos e destes, com o professor.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio. Socialização. Autonomia moral. Escola. Professor. Aluno.

LISTA DE SIGLAS

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Construção hierárquica das metas no contexto da autonomia tida como objetivo amplo da educação. 35
Figura 2 – Construção de maquetes 39
Figura 3 – Montagem do painel 40
Figura 4 – Construção da linha de tempo..... 41
Figura 5 – D. Norma e Maristela 43
Figura 6 – A Figueira 43
Figura 7 – Convite de formatura 44
Figura 8 – Atitudes para uma escola mais agradável 48
Figura 9 – A importância do respeito às regras da escola 48
Figura 10 – Por que gostar de estar na escola 50
Figura 11 – O que o aluno espera da escola 51

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS 8
LISTA DE FIGURAS 9
1 INTRODUÇÃO 11
2 CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA 14
2.1 JUSTIFICATIVA E MOTIVAÇÃO 14
2.2 CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA 16
2.3 QUESTÕES, HIPÓTESES E OBJETIVOS DA PESQUISA 17
2.4 METODOLOGIA 18
3 SOCIALIZAÇÃO E MORALIDADE NA VIDA E NA ESCOLA 22
3.1 SOCIALIZAÇÃO 22
3.1.1 A socialização da criança 23
3.1.2 A escola como espaço de socialização 24
3.2 MORALIDADE 26
3.2.1 Fases do desenvolvimento moral 27
3.2.1.1 Anomia 27
3.2.1.2 Heteronomia 28
3.2.1.3 Autonomia 30
3.2.2 O papel da escola no desenvolvimento moral 31
3.3 JUNTANDO OS NÓS: SOCIALIZAÇÃO, MORALIDADE, ESCOLA 33
4 A SOCIALIZAÇÃO E A MORALIDADE NAS VIVÊNCIAS DE SALA DE AULA 37
4.1 PROCESSO DE NEGOCIAÇÃO 39
4.2 TOMADA DE DECISÕES 40
4.2.1 A Entrevista com Dona Norma 42
4.3 RESOLUÇÃO DE CONFLITOS 44
4.4 MOMENTOS DE ANÁLISE E REFLEXÃO 47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 53
REFERÊNCIAS 57
APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO DOS PAIS 60

1 INTRODUÇÃO

Durante minha vida profissional, sempre me indaguei sobre a real função da instituição escolar, e o que o professor deve ter em mente no desenvolvimento de seu trabalho, para que possa contribuir para a formação integral do aluno e o desenvolvimento de sua cidadania.

Acredito que um dos grandes desafios da escola hoje é a contribuição na formação moral de seus alunos. Visto que a moralidade precisa ser construída, a escola, através das relações sociais, ensina e constrói, junto com seus alunos, regras, normas, valores, atitudes fundamentais para uma convivência justa e harmônica.

O desenvolvimento de indivíduos autônomos também deve fazer parte dos objetivos educacionais.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a função da escola, repensando-a como um espaço de socialização importante na promoção do conhecimento social, de forma que as relações interpessoais firmadas neste ambiente, a troca entre os pares, o convívio diário, a resolução de conflitos e a busca na resolução de problemas possibilitem o desenvolvimento moral autônomo dos alunos. Para isso, trago neste trabalho, vivências e situações ocorridas durante meu estágio, do Curso de Pedagogia, com uma turma de 3º ano, do Ensino Fundamental, voltado para o desenvolvimento da autonomia da criança, possibilitado através das relações sociais.

Em linhas gerais, busco compreender de que forma a escola contribui para esta socialização, levando-se em conta as características envolvidas nesse processo como a capacidade de se relacionar e interagir, bem como a aquisição dos valores morais e o desenvolvimento destes.

Sabendo-se que o desenvolvimento moral dos alunos também faz parte da aprendizagem, a escola sendo um ambiente que reúne indivíduos, fundamentada na educação e nas relações de respeito, não pode eximir-se do compromisso de contribuir na formação de seres autônomos.

Como o desenvolvimento da moralidade tem seu processo relacionado com as relações sociais, a escola constitui terreno fértil no propósito de desenvolver o pensamento autônomo, possível dentro deste grupo social.

Considero este tema relevante, pois as crianças passam grande parte de suas vidas dentro da escola que, de certa forma, é um espaço que as ampara e as protege. Família e escola são os grupos sociais capazes de transmitir às crianças todo um referencial em termos de valores morais. Não se trata de fazer o papel dos pais, mas assumir sua função de parceria na formação de indivíduos autônomos.

A educação moral faz com que enxerguemos a criança como alguém que está desenvolvendo sua moralidade, mudando a maneira como a tratamos, como elaboramos as normas e resolvemos os conflitos.

Para melhor organização, o trabalho foi dividido em quatro capítulos, além da presente introdução.

No segundo capítulo, justifico as razões que me motivaram ao desenvolvimento deste tema, caracterizando o problema, apresentando as questões e hipóteses construídas, bem como a metodologia aplicada através do estudo de caso.

No terceiro capítulo, apresento o embasamento teórico a respeito da socialização da criança, bem como a teorização a respeito do desenvolvimento moral, na visão de Piaget e outros autores. Neste capítulo, além de abordar sobre as fases do desenvolvimento moral da criança segundo Piaget: anomia, heteronomia e autonomia, analiso a escola como um espaço importante na formação social e moral do aluno bem como nas relações que se estabelecem entre o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento moral.

A análise dos resultados é exposta no quarto capítulo, onde estão apresentados os registros de situações que ocorreram no 3º ano do Ensino Fundamental, juntamente com a análise feita.

Finalmente, as conclusões a que cheguei constam no quinto capítulo, onde respondo à pergunta norteadora e outras questões específicas construídas na elaboração do trabalho, confirmando a hipótese apresentada, isto é, de que ações pedagógicas adequadas contribuem para o desenvolvimento da moralidade.

2 CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

2.1 JUSTIFICATIVA E MOTIVAÇÃO

Formada há 25 anos atrás, minha única preocupação era transmitir conteúdos aos alunos que me eram confiados bem como aplicar-lhes a devida avaliação! Matéria dada era matéria cobrada!

Formação moral, isto é, a aquisição e interiorização das regras de conduta válidas para o convívio social: hábitos, crenças, valores, sentimentos, princípios, deveres e modos de proceder de cada indivíduo para com seu semelhante, eram, para mim, incumbência da família e considerava a escola como o lugar onde se buscava o conhecimento, numa intensa atividade intelectual. Cobrava disciplina e respeito, mas, por temor de não consegui-los devido à falta de experiência e pouca idade (comecei a trabalhar aos 18 anos tendo alunos de 15 anos), era autoritária.

Não me importava a vida de meus alunos fora do ambiente escolar, quais eram seus sonhos, medos, expectativas e desejos.

Pensava que seria boa professora ensinando-lhes o que eu havia aprendido no Magistério, mais precisamente nas diferentes didáticas, bem como desenvolvendo os "conteúdos mínimos"[1] estabelecidos para a série.

Os anos de experiência exercidos em diferentes locais e realidades sócio-econômicas bem como a formação continuada foram ampliando meus horizontes, modificando minha postura, principalmente depois que comecei a

[1] Conteúdos mínimos: Relação de conhecimentos e saberes, dentro de cada disciplina consideradas relevantes, principais, para a aprendizagem dos alunos em cada série/ano.

trabalhar na escola onde leciono atualmente, pois acredito que os professores que atuam em regiões menos favorecidas, poderão ser as únicas pessoas na vida do aluno que poderão reconhecê-lo como alguém que tem necessidades, desejos e vontade de ser uma pessoa melhor. Isso porque, nas comunidades mais carentes, podemos encontrar duas realidades distintas: pais muito ausentes devido a uma excessiva jornada de trabalho e/ou pais que, embora estejam com seus filhos por muitas horas diárias, não sabem como agir e orientá-los nas diferentes situações surgidas em relação a sua conduta moral, na formação de sua personalidade e na construção de sua auto-estima. Portanto, o professor talvez seja a única pessoa que possa desenvolver em seus alunos, valores e sentimentos necessários à formação de seu caráter e ao convívio social. Visto que a moralidade dos indivíduos se desenvolve dentro dos grupos sociais, a escola transforma-se num ambiente propício para tal finalidade.

Existe uma distância muito grande entre "formar-se" professor e "ser" professor. A cada ano, muitos professores iniciam sua carreira profissional não dando continuidade a mesma, embora saibam o conteúdo que devem ministrar. Simplesmente, não conseguem administrar tantos outros fatores que intervêm à prática pedagógica, principalmente no que se refere a relação professor e aluno e a resolução de conflitos surgidos no ambiente escolar, de maneira a levar o aluno a reflexão de seus atos, possibilitando-lhe a moralidade.

Hoje acredito que a qualidade das relações interpessoais transformando a escola num ambiente de convívio é fundamental para que se exercitem os conceitos de justiça, respeito e solidariedade, conceitos estes cuja compreensão torna-se indispensável para uma vida em sociedade.

O papel da escola não é o de apenas ensinar ao aluno ler, escrever, interpretar, calcular, mas o de ensiná-lo a viver dentro e fora do ambiente escolar, desenvolvendo suas atitudes morais, desenvolvimento este que também faz parte da aprendizagem.

Mudanças ocorridas na sociedade no que se refere ao relacionamento humano se refletem no espaço de sala de aula, no relacionamento professor x aluno e entre os próprios alunos. Hoje, acredito que a "imagem" que o aluno forma de seu professor, tem tanto ou mais a ver

com a forma com que este encaminha e resolve situações de conflito e sua postura perante tais momentos, do que o conhecimento que ele possui ao ministrar suas aulas. Acredito que este fato deveria servir como objeto de muita reflexão por parte do professor no sentido de desenvolver um relacionamento saudável em sala de aula, pois o mesmo trará consequências no campo cognitivo.

Refletir sobre isso, além de vivenciar na prática, fizeram-me mudar antigas concepções.

Durante a realização do curso de Pedagogia, ao ler o texto "Reflexões sobre a moralidade na escola" de Liseane Camargo, tive conhecimento sobre as fases do desenvolvimento moral da criança, e acredito que aquele tenha sido o momento certo para realizar tal leitura, pois o assunto me despertou interesse, levando-me a refletir sobre as considerações trazidas pela autora, já que a mesma trazia o assunto para o contexto escolar. Sendo assim, minhas ideias se solidificaram ainda mais, trazendo-me maior esclarecimento teórico.

2.2 CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA

Estudos na área da Psicologia e Estudos Sociais relatam a importância das relações interpessoais para o desenvolvimento humano, refletindo na dinâmica de sala de aula e na postura adotada pelo professor, menos autoritária, porém, não deixando de exercer sua autoridade, e utilizando-se de práticas educativas que visem diminuir as sanções, aumentando aquelas que visem a reparação, contribuindo desta forma, para a formação da autonomia moral, ou seja, chegar ao nível onde as relações do indivíduo com seu meio social são marcadas pela presença do respeito mútuo e cooperação, princípios estes, indispensáveis à vida social.

Segundo Arroyo (1997, p. 47):

> A escola enquanto instituição – não enquanto boa vontade de seus mestres – mantém a mesma ossatura rígida e excludente já faz um século. Continua aquela estrutura piramidal, preocupada apenas com o domínio seriado e disciplinar de um conjunto de habilidades e saberes. A ultrapassagem de domínios preestabelecidos em cada

> disciplina e em cada série é precondição para a manutenção ou a perda irrecuperável do direito a uma experiência sócio-cultural formadora.

O aprender de uma criança não pode se limitar apenas aos conteúdos ensinados na escola, deve ir além disso. O professor precisa explorar os diferentes campos de aprendizado que se apresentam dentro da escola, de uma turma, de um grupo. Mais especificamente, aos aprendizados que uma criança adquire nos campos afetivos, sociais, nas relações interpessoais, nas regras de convivência, nas interações com outras crianças. Portanto, a qualidade das relações interpessoais estabelecidas na escola, dentro e fora da sala de aula aliadas ao desenvolvimento de atividades que não priorizem somente o campo cognitivo, constituem um terreno fértil para o desenvolvimento da autonomia moral.

A função da escola não deve estar apenas voltada para o conhecimento, através da aquisição de conteúdos compreendidos nas diferentes disciplinas, mas também, proporcionar aos alunos experiências sociais e/ou culturais visando ao desenvolvimento da afetividade, da sociabilidade, para que possa haver o desenvolvimento integral do aluno.

Na vivência e relação com o outro, na socialização propiciada pela escola, o aluno vai construindo e desenvolvendo sua moralidade, compreendendo as regras necessárias para o convívio social, aprendendo a cooperar e respeitar seu semelhante, enfim, reconhecendo-se como um ser socializado.

2.3 QUESTÕES, HIPÓTESES E OBJETIVOS DA PESQUISA

O tema deste trabalho é a escola como espaço de socialização e sua contribuição para a construção da autonomia moral. Assim, considerando todo o contexto apresentado, foi estabelecida a seguinte questão de pesquisa:

Como as práticas educativas contribuem para o desenvolvimento da autonomia moral?

A partir desta questão, identificam-se as seguintes questões específicas:

a) De que forma pode-se contribuir para que ocorra a socialização das crianças em sala?

b) Quais as relações existentes entre a socialização dos alunos e seu desenvolvimento moral?

c) Como as crianças reagem ao professor que visa desenvolver a autonomia moral dos alunos?

Nesse contexto, parte-se da hipótese que na escola é possível contribuir, através de práticas educativas, para o desenvolvimento moral autônomo de seus alunos.

Portanto, este projeto tem como objetivo geral analisar de que forma as práticas pedagógicas contribuem para uma maior socialização dos alunos e de sua autonomia moral, no Ensino Fundamental.

Decorrente desse objetivo geral, propõe-se os seguintes objetivos específicos:

a) Compreender a importância das relações estabelecidas em sala entre os alunos, e destes com o professor, como essenciais no processo de socialização.

b) Identificar situações em sala que propiciem o desenvolvimento social e moral autônomo das crianças.

c) Refletir sobre as diferentes reações que as crianças demonstram ao serem levadas à reflexão.

2.4 METODOLOGIA

Gil (2002) descreve um estudo de caso como sendo um estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento.

Trata-se de uma metodologia qualitativa. Para tanto, seguem-se etapas importantes, iniciando pela escolha do assunto a ser investigado, a definição do tema de pesquisa e de seus objetivos (gerais e específicos), da formulação do problema de pesquisa e de suas hipóteses, da modalidade de pesquisa e, da conclusão respondendo aos objetivos propostos.(Tozoni, 2009).

Nos estudos de caso, necessita-se de uma orientação teórica bem fundamentada que sirva de suporte à formulação das questões bem como dos dados coletados e análise dos resultados, permitindo-se responder a questões como:Que coisas observar? Que perguntas fazer?

O estudo de caso em questão ocorreu na Escola Municipal de Ensino Fundamental Rui Barbosa, localizada na Avenida João Alberto, 135, no bairro Vicentina, município de São Leopoldo.

Nossa escola funciona em 3 turnos: manhã-7:30 às 11:50 ; tarde:13:15 às 17:35 e a noite das 18h às 22h.O turno da noite destina-se as aulas do Pro Jovem.

A escola possui em suas dependências, além das 15 salas de aula e do pátio, uma biblioteca, refeitório, auditório, sala de vídeo, sala de informática contendo 15 micros e 5 mesas Alfabeto da Positivo, um laboratório de ciências, sala de jogos, sala da direção, supervisão, secretaria, sala de Xerox, distribuídos em um prédio novo (construído há 3 anos) e mais um pavilhão antigo onde funciona o Projeto mais Educação, que visa diminuir a repetência escolar.

Atualmente a escola tem em torno de 700 alunos. A equipe de professores conta com 44 integrantes concursados, 1 secretária e 4 merendeiras. As 5 pessoas responsáveis pela limpeza e os 2 porteiros são provenientes de serviço terceirizado.

As reuniões administrativas e pedagógicas ocorrem quinzenalmente onde se realizam classes paralelas, ou seja, os professores reúnem-se por série/ano para conversarem sobre o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem em suas turmas, trocando ideias na busca de um trabalho mais qualificado. Neste momento, também realizam-se discussões sobre o PPP (Projeto Político Pedagógico) e os objetivos gerais para toda a escola.

Quanto a Proposta Pedagógica, as ações da escola estão fundamentadas nos Quatro Pilares da Educação para o Século XXI da UNESCO, que envolvem a troca de conhecimento, autonomia, capacidade de organização, trabalho em equipe, entre outros, em resumo: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.

No aprender a conhecer que o aluno não só adquira conhecimentos mas que seja capaz de saber onde aplicá-los, mostrando habilidades e

competências.Através das atividades diversificadas, que o aluno seja capaz de aprender a fazer, construindo identidade, autonomia, desenvolvendo a habilidade da atenção, pensamento organizado, auto-crítica. O aprender a ser e conviver envolvem relações com o outro, com a diversidade, nos diferentes espaços com atividades que resgatam a identidade, a solidariedade, a convivência, o respeito pelo outro e por tudo que o cerca.

A avaliação faz parte do processo ensino-aprendizagem, visando o crescimento do aluno. É participativa, cumulativa, prevalecendo os aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período, sobre as provas finais. O sistema de avaliação é realizado trimestralmente, sendo expresso através de pareceres para o Ensino Fundamental e Educação Infantil e também com conceitos do 2º ao 6º ano. MS - Muito satisfatório, atribuído ao aluno que atingir 80% ou mais dos objetivos propostos. S-Satisfatório, atribuído ao aluno que atingir 50 a 79% dos objetivos. I-Insatisfatório, atribuído ao aluno que atingiu menos de 50% dos objetivos propostos. Tendo em vista diminuir a repetência e a disparidade entre idade-série, na escola há Recuperação Paralela que ocorre durante todo o ano bem como o reforço escolar que ocorre no mesmo turno de aula do aluno com sua professora, enquanto os demais são atendidos por outro professor.

A escola promove reuniões, atividades para a integração das famílias com o intuito de aumentar a participação da comunidade na escola, pois a mesma ainda é baixa.

A coleta de dados, através da observação participante, foi realizada com crianças na faixa etária de 8 a 12 anos, numa turma de 3º ano, da qual a autora desta monografia é titular.

Nesta turma há 11 meninas e 13 meninos sendo 3 repetentes (2 meninos e 1 menina), na faixa etária entre 8 e 12 anos.

Há 8 alunos que apresentam dificuldade maior quanto a leitura e escrita, destes, uma menina apresentando problemas de fala e um menino tendo repetido 5 vezes o 2º ano.

Estes alunos são de classe média baixa tendo condições de adquirir o material mínimo solicitado pela escola.

O nível de escolaridade dos pais é baixa, somente 5 alunos, o pai ou a mãe, concluíram o Ensino Médio.

É uma turma participativa, gostam de conversar, ouvir histórias e, dependendo da atividade, logicamente, agitam-se mais.

Visando analisar as ações pedagógicas desenvolvidas com o grupo, no próximo capítulo consta o referencial teórico. Visa analisar a importância que as relações interpessoais, oportunizadas pelos momentos de socialização ocorridos na escola, permitem aos alunos obter aprendizados e crescimento pessoal. É nesse convívio que os alunos não ficam apenas centrados em suas ideias e pensamentos, mas passam a conviver e aceitar o ponto de vista dos demais indivíduos, contribuindo para a construção de sua autonomia moral.

3 SOCIALIZAÇÃO E MORALIDADE NA VIDA E NA ESCOLA

Este capítulo aborda a importância do espaço escolar no processo de socialização da criança, compreendendo de que forma a escola contribui para que ocorra esta socialização, essencial na construção da autonomia moral.

A escola é um espaço de convivência, onde através das relações e experiências diárias, a criança passa a aprender e aceitar o ponto de vista dos demais, construindo relações de respeito e colaboração, eventos que se refletirão na construção de sua autonomia.

3.1 SOCIALIZAÇÃO

A Enciclopédia Larousse Cultural assim define socialização:

> No campo da Psicologia, a socialização é o processo pelo qual a criança interioriza os diversos elementos da cultura que a rodeia (valores, normas, códigos simbólicos e regras de conduta), e se integra na vida social.
> No campo da Sociologia, caracteriza-se pelo desenvolvimento da consciência social e do espírito de solidariedade e cooperação nos indivíduos de uma comunidade. (1999, vol. 22, p. 5.435)

O processo de socialização inicia na família, estendendo-se para a escola e outros grupos de referência. Nesta interação, o indivíduo adquire hábitos e valores característicos de cada grupo, integrando-se na sociedade.

3.1.1 A socialização da criança

Segundo Piaget (1986), a inteligência é construída progressivamente, desde a fase inicial chamada de período sensório-motor, até a fase da inteligência operatória formal.

Em cada um destes estádios de desenvolvimento, a criança mantém uma constante interação com o meio, com o que é exterior a ela, constituindo-se de um fator importante para seu desenvolvimento, considerado como um dos mais importantes para sua progressão intelectual.

Poderíamos chamar estes estádios de desenvolvimento como etapas pelas quais a criança deverá passar, em que, progressivamente, seu egocentrismo vai sendo vencido, dando início ao seu processo de socialização. É um processo de adaptação do mundo dos objetos ao mundo dos outros.

Com a utilização da linguagem, mais tarde, a criança começa a construir as bases de seu desenvolvimento social. Assim, o pensamento individual vai se apoiando sempre mais sobre um sistema de pensamento coletivo, até o momento em que ela começa a se libertar de seu egocentrismo social e intelectual, não confundindo mais os pontos de vista próprios com os dos outros. Ela dissocia esses pontos de vista para coordená-los. Neste momento, a criança progride na socialização, coordenando suas ações com a dos outros, ao mesmo tempo em que se torna mais reflexiva, interiorizando mais o pensamento (ANTUNES, MENANDRO, PAGANELLI, 1993).

Na construção do conhecimento, as interações sociais são importantes porque promovem situações que levam a criança a pensar criticamente sobre suas próprias ideias em relação às dos outros, resultando na sua forma de pensar, corrigindo-se de dentro para fora (KAMII, 1992).

O indivíduo não consegue operar sozinho seu próprio conhecimento, mas sim na interação com o ambiente, e quanto mais rica ela for, em todas as suas formas de comunicação e troca entre os pares, mais possibilidades este indivíduo tem de desenvolver o raciocínio lógico.

3.1.2 A escola como espaço de socialização

O processo de socialização inicia-se no nascimento, permanecendo ao longo de todo o ciclo vital, logo, o homem é um ser social, fazendo parte de diferentes grupos ao longo de sua existência. Destes, a escola e a família são considerados os principais, dada a sua importância em relação à satisfação das necessidades básicas, à assimilação da cultura, à formação da personalidade, ao desenvolvimento cognitivo, social e afetivo e de sua identidade pessoal.

É na escola que se constrói parte da identidade do ser e pertencer ao mundo; nela adquirem-se os modelos de aprendizagem, a aquisição dos princípios éticos e morais que permeiam a sociedade; na escola depositam-se expectativas, bem como as dúvidas, inseguranças e perspectivas em relação ao futuro e às suas próprias potencialidades (BORSA, 2007).

Os pais, a escola e o professor são agentes sociais encarregados de incorporar a criança ao grupo social transmitindo-lhe toda uma bagagem cultural que envolve valores, normas, costumes, atribuição de papéis, ensino da linguagem, habilidades e conteúdos escolares. Assim, o processo de socialização é uma interação entre a criança e seu meio. Esta interação e seu resultado depende das características da própria criança e da forma de agir dos agentes sociais (COLL, PALACIOS, MARCHESI, 1995).

No meio escolar, a criança se relaciona com muitas pessoas, com diferentes graus de conhecimento com as quais estabelece relações diversas, sendo, além disso, um âmbito que, em si mesmo, constitui um sistema social, com normas e funcionamento alheios à criança, mas nos quais esta é mergulhada e deve ir compreendendo (COLL, PALACIOS, MARCHESI, 1995).

A criança chega à escola levando consigo aspectos constitucionais e vivências familiares, porém, o ambiente escolar será uma peça fundamental em seu desenvolvimento. Estes três elementos – aspectos constitucionais, vínculos familiares e ambiente escolar – constituirão o tripé do processo educacional (OUTEIRAL, 2003).

No decorrer das últimas décadas, vem se observando uma mudança significativa no processo de socialização infantil, levando-se em conta fatores como o avanço da tecnologia nos meios de comunicação, o crescimento acentuado de informações disponíveis, as novas configurações familiares etc. (BORSA, 2007).

Outra mudança observada é o tempo de permanência da criança, hoje, na instituição escolar. Hoje, o tempo de permanência da criança e do jovem na escola é de, no mínimo, quinze anos, compreendendo a Educação Infantil até o Ensino Médio (XAVIER, 2008).

Além disso, nos tempos atuais, a rua não representa um local seguro, pois a violência urbana eclode nos grandes centros.

Este fator, aliado ao crescente trabalho feminino, fora de casa, fazem crescer a proliferação de escolas de turno integral, bem como a permanência nas escolas, no período das férias escolares, para crianças e jovens cujos pais não estão de férias (XAVIER, 2008).

Em outro contexto, a escola passa a ser um espaço de convivência para muitas crianças e jovens, pois a sociedade atual não oferece espaços, lugares próprios, para a juventude nem para as crianças.

Afirma Hébrard (2000), citando Dubet:

> (...) os adolescentes estão na escola não para aprender, mas para viver a cultura deles. (...) dentro do colégio, organizam, estruturam, inventam uma cultura e vivem essa cultura, que não é a cultura escolar. Para eles, a cultura escolar é um preço a pagar para viver, juntos, essa realidade, essa sociabilidade que é da juventude. (p. 9)

Analisando as colocações acima, vemos que a criança e o jovem permanecem grande parte de suas vidas na escola, e o desejo pela permanência destes nela, mais do que a aquisição do conhecimento, está associada ao fato de que o espaço escolar representa um ambiente seguro, onde os pais podem deixá-los enquanto vão trabalhar.

O fato de a sociedade não ter em sua organização, espaços para a juventude e infância, faz com que a escola passe a ser um local de encontro.

Diante disto, a escola deve assumir seu papel, não só como responsável pela construção do conhecimento, mas também como um local de

socialização e de relações afetivas, oferecendo oportunidades para que o aluno desenvolva sua sociabilidade, bem como, respeitando seus saberes na construção de seu conhecimento, promovendo, desta forma, não somente suas capacidades cognitiva e intelectual, mas também social e afetiva.

"Os conteúdos escolares, a distribuição dos tempos e espaços destacam cada vez mais a formação e a vivência sociocultural" (ARROYO, 1997).

Considera-se a ação de educar não só como o processo de ensino-aprendizagem, mas também, e não menos importante, o processo de constituir indivíduos críticos, socializados, com conhecimento pleno daquilo que é importante ser, enquanto indivíduos, e daquilo que o mundo espera de si, enquanto pessoas éticas, plenamente integradas no espaço em que estão inseridas (BORSA, 2007).

3.2 MORALIDADE

Segundo o dicionário Aurélio, a moral significa o conjunto de regras de conduta ou hábitos julgados válidos, quer de modo absoluto, quer para grupo ou pessoa determinada.

São estas regras de conduta que caracterizam as imposições e proibições que uma pessoa coloca sobre si mesma em relação a decisões e atitudes, logo, a moralidade pode ser definida pela congregação de costumes, deveres e modos de proceder dos homens para com os seus semelhantes, desenvolvida nos grupos sociais (MORALIDADE, [s.n.t.]).

O padrão moral é um dos elementos que permitem pessoas diferentes conviverem num mesmo grupo, aceitando-se e respeitando-se. (CARNEIRO, 2008, [s.p.]).

O dicionário Aurélio define autonomia como a faculdade de se governar por si mesmo. Ou seja, o indivíduo chegar ao estágio onde age por si próprio, assumindo os riscos de suas ações, adotando uma postura de respeito às regras, relacionando-se com os outros na base do respeito mútuo, da cooperação, descentração e reciprocidade.

3.2.1 Fases do desenvolvimento moral

Desde o nascimento, o ser humano está em constante processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Segundo Piaget (1932), dentro do desenvolvimento moral da criança encontramos três etapas importantes desse processo que, se bem estimuladas, contribuem para a formação de adultos autônomos. São elas: a Anomia, Heteronomia e a Autonomia.

3.2.1.1 Anomia

A anomia é caracterizada pelo comportamento egocêntrico, natural da criança pequena.

Nesta etapa, a criança não diferencia o certo do errado, não obedecendo à normas e regras Por isso, é necessário que a criança desenvolva uma ligação significativa de afeto com seus responsáveis, para que futuramente construa o respeito entre os pares. Isto fica claro na afirmação de Rangel (1992, p. 64):

> Na anomia não existe a noção de certo e de errado sob o ponto de vista da conduta social e a criança não é capaz de obedecer as regras. O sentimento forte que deve estar se desenvolvendo na relação da criança com seus tutores é o *afeto,* sentimento necessário à constituição futura do *respeito.*

Na anomia o bebê ainda não construiu a imagem mental antecipatória, ou seja, ele não recorda as solicitações e imagens do adulto lhe mostrando ou dizendo que não pode fazer determinada coisa ou mexer em respectivo objeto. Dessa forma, toda a vez que o bebê se depara com algo que não é permitido mexer, por exemplo, ele irá novamente explorar e mexer, até que um adulto faça a interferência para que, futuramente, a criança sozinha recorde a experiência e não execute a ação em questão. Conforme Rangel (1992, p. 65):

> O bebê não construiu a imagem mental antecipatória, o que implica, por exemplo, o não lembrar, não evocar, brabeza de sua mãe ao mexer num aparelho de som.Assim, toda a vez que a criança se depara com o aparelho, ela tem a iniciativa de explorá-lo e só na presença da correção do adulto que o bebê abandona tal conduta.

Para entender melhor esta questão, cito o exemplo de um bebê que está brincando no gramado de casa, quando passa a se aproximar do canteiro de flores e começa a mexer e puxar as flores. Logo que sua mãe percebe tal ação, realiza a interferência dizendo que não pode mexer ali e mostrando não com o dedo. Todas as vezes que o bebê está no pátio, vai em direção ao canteiro de flores fazer a exploração, mas a mãe realiza a mesma interferência, por várias vezes. Após várias repetições, o bebê ao enxergar a mãe se aproximando, pára de mexer nas flores e mostra com o dedo: **"não, não".**

Esse momento não significa que o bebê entendeu a norma, apenas criou um condicionamento. Somente a partir de um ano e meio, dois anos, o bebê chega perto das flores e lembra da imagem da mãe brava e mostrando não com o dedo. Assim, o próprio bebê retira a mão das flores e mostra não com o dedo, sem ter a interferência do adulto, apenas produzindo a imagem mental.

Para Rangel (1992, p. 66): "Essa é a passagem da inteligência prática para o pensamento representativo. Esse fenômeno acontecerá sem a interferência direta da mãe. Além de ser um exemplo típico do ingresso na moral heterônoma".

3.2.1.2 Heteronomia

A heteronomia é a fase da obediência. Nesta etapa, as crianças não são capazes de julgar uma conduta como certa ou errada, a não ser pelo ponto de vista do adulto, raciocinando em função das consequências que seus atos podem causar.

Para melhor elucidar esta questão, segue-se o seguinte exemplo:

É apresentado, a uma criança deste nível, duas situações diferentes para que ela emita um julgamento sobre qual dentre as meninas agiu pior sobre o seguinte momento: a primeira quebrou um copo, ao resolver subir no

balcão para retirar biscoitos guardados em um armário, quando a mãe havia lhe recomendado nada comer fora do horário do lanche. A segunda quebrou seis copos de uma bandeja quando, ao sair da cozinha, colidiu com o irmão que atravessou inesperadamente seu caminho. Isto ocorreu no momento em que ela ajudava a mãe a arrumar a mesa para a refeição.

Nesta fase, a criança achará pior a atitude da segunda menina, pois ela quebrou vários copos e com isso sua mãe irá ficar muito brava. A criança não conseguiu discernir as intenções que envolviam o ato (quebrar sem querer, quando estava ajudando a mãe ou quebrar em consequência da desobediência de uma ordem). Ela não reflete sobre a relação causa-efeito.

A situação apresentada no exemplo é confirmada por Piaget (1932, p. 32), quando diz que "[...] a própria relação entre a criança e o adulto, coloca a criança numa situação à parte, de tal forma que seu pensamento permanece isolado, e, mesmo acreditando partilhar do ponto de vista de todos, ela fica, de fato, fechada em seu próprio ponto de vista".

Este fato ocorre pela presença do respeito unilateral, que é o respeito que a criança pequena sente pelo adulto, fonte de obediência e submissão, constituído pela mistura dos sentimentos de amor e temor. Este temor que procede do respeito unilateral, provoca na criança o medo de receber uma punição, uma censura ou de perder o amor do adulto. Mas, esse respeito unilateral só existe na presença destes dois sentimentos, pois uma criança não irá atender a ordem de um adulto pelo qual tenha afeto, se não possuir algum sentimento de medo por ele.

Conforme Piaget (1988, p. 66):

> [...] a recomendação não é aceita, e não provoca desde logo um sentimento de obrigação, se não emanar de uma pessoa respeitada, isto é, que seja o objeto de uma afeição e de um medo simultâneo, e não apenas de um desses dois estados afetivos.

O respeito pelo adulto caracteriza a fase moral heterônoma.

3.2.1.3 Autonomia

A autonomia moral é construída através das relações sociais caracterizada pela presença do respeito mútuo, cooperação, descentração e reciprocidade.

Segundo Piaget (1932, p.172), a "autonomia só aparece com a reciprocidade, quando o respeito mútuo é bastante forte, para que o indivíduo experimente interiormente a necessidade de tratar os outros como gostaria de ser tratado".

Nesta fase, a criança descobre que as regras transmitidas anteriormente pelos adultos são passíveis de negociação e sua relação com o adulto deixa de ser de temor e submissão, passando a ser de socialização, pois a criança começa a querer o respeito por si, dando início ao respeito mútuo, que ainda mistura afeição e medo, porém, este medo não é o de sofrer uma punição, mas sim, de decair perante os olhos do outro.

Nas relações com o outro, a criança vai descobrindo seu espaço, onde o respeito às normas e regras que antes eram impostas do exterior (heteronomia), dão lugar à democracia, à cooperação, o respeito mútuo, à descentração e à reciprocidade (autonomia).

As descentrações são importantes porque possibilitam à criança sair do seu ponto de vista para se colocar no ponto de vista do outro, construindo o respeito mútuo e a cooperação.

Rangel (1992, p. 68) afirma que:

> A existência de respeito mútuo só é possível a partir do exercício das cooperações na convivência em grupo e do desenvolvimento do pensamento operatório concreto, isto é, quando a criança conquista a capacidade de "operar" junto com outro construindo e coordenando relações a partir das descentrações e da vivência das leis de reciprocidade.

Outro fator importante relacionado diretamente com a cooperação são as sanções por reciprocidade, as quais, ao serem utilizadas, fazem com que a criança passe a se colocar no lugar do outro, sendo motivada pelo adulto a refletir sobre seu ato, passando a colaborar na reparação de uma má atitude que possa ter provocado.

Visando a construção da autonomia moral pelas crianças, é necessário que recompensas e punições possam ser substituídas por incentivos, por momentos em que elas possam refletir e descentrar, para que sozinhas possam construir seus valores morais.

3.2.2 O papel da escola no desenvolvimento moral

O desenvolvimento da moralidade é possibilitado dentro das relações interpessoais. Tais relações fazem parte do cotidiano dos indivíduos e a escola, como grupo social que possibilita o ensino e a aprendizagem através dessas relações, representa papel fundamental no desenvolvimento da autonomia moral. Logo, o desenvolvimento da moralidade torna-se inerente ao trabalho educativo (CAMARGO, 2008 b).

Na relação diária com o outro e com o grupo, a criança vai construindo sua moralidade.

A escola, como organização social, possui regras, direitos e deveres nos quais seu funcionamento se apóia e, através disso, auxilia seus membros na compreensão da vida em sociedade (CAMARGO, 2008 a).

Um dos grandes objetivos da educação é a construção da cidadania que pressupõe a instrumentalização das pessoas para a participação motivada e competente na vida política e pública da sociedade. Ao mesmo tempo, essa formação deve visar o desenvolvimento de competências para lidar com a diversidade e o conflito de ideias, com as influências da cultura e com os sentimentos e emoções presentes nas relações do sujeito consigo mesmo e com o mundo à sua volta. Necessitamos de uma escola cujas relações entre seus membros se assente sobre outras bases: a democracia e o respeito mútuo (ARAÚJO, 2001).

De acordo com Piaget (1932), o respeito é fruto da coordenação entre dois sentimentos: o amor e o temor. Da coordenação entre estes dois sentimentos nas relações interindividuais é que surgirá, por exemplo, a obediência da criança aos pais e aos mais velhos. Uma criança respeita seus pais porque ao mesmo tempo que gosta deles, teme perder seu amor, ou mesmo sofrer punições. No caso do respeito mútuo, na relação entre esses dois

sentimentos o que prevalece é o amor. É a afetividade, ou o amor, presente nas relações entre as pessoas que permite que o medo não seja o da punição, e sim o de decair perante os olhos do indivíduo respeitado. Esse medo é totalmente diferente do medo da punição, característico dos sujeitos heterônomos. O medo de decair perante os olhos de quem gostamos é característico do sujeito autônomo, que regula suas relações na reciprocidade e na consideração pelas outras pessoas (ARAÚJO, 2001).

O mesmo acontece na relação professor e aluno, permitindo-se, assim, a construção de um ambiente escolar cooperativo.

Essas condições sobre o ambiente das relações sociais vem ao encontro do que Araújo (1996, p. 112-113) coloca sobre um "ambiente escolar cooperativo":

> O que está se chamando de "ambiente escolar cooperativo" não abre mão da figura da autoridade moral e intelectual, não autoritária, do professor como coordenador do processo educacional. O que muda o quadro é que esse professor nem é o que determina tudo dentro da sala de aula e nem deixa que os alunos determinem, por ele é quem conhece os objetivos pedagógicos. Ele nem estabelece as regras da classe e nem os alunos o fazem sozinhos, porque ele pertence ao grupo e tem maior conhecimento sobre a competência legisladora do grupo que, por exemplo, não pode legislar sobre assuntos que envolvam outras classes ou outros professores, ou sobre assuntos que tenham legislação superior, como a existência ou não de avaliação na escola.

O objetivo da educação moral que visa ao desenvolvimento da autonomia, prescinde de um espaço de diálogo e reflexão onde as regras e os procedimentos não sejam um fim, mas uma busca na construção de personalidades morais autônomas. Além disso, no ambiente escolar devem ser propiciadas situações em que as crianças possam compreender que, mesmo a regra tendo sido apresentada pelo professor, num primeiro momento, pode desprender-se dela e ser elaborada pelas crianças, pois se a regra estiver sempre associada à presença da autoridade e à punição ou recompensa da atitude, as crianças passam a considerar que, na ausência do professor, a regra perde a validade. Então, (ARAÚJO, 1996, p. 129) argumenta:

> [...] Esses valores que são externos ao indivíduo, que não surgem de sua reflexão, tornam-se obrigatórios apenas enquanto estiver

> presente o poder da autoridade de onde emana. Ora, a sociedade teria que manter sob vigilância todas as esquinas, repartições e lares se quisesse garantir a ação moral com base na força da autoridade. [...] Somente funciona com aqueles que têm medo da punição, tanto física quanto psicológica.

De acordo com a teoria piagetiana, é no período escolar, compreendido a partir dos sete anos, que as crianças evoluem da heteronomia para a autonomia moral. A moral heterônoma é a moral da obediência à autoridade, à regra e ao dever. Nela, aquilo que é imposto, aquilo que aparece como dever corresponde ao Bem. A moral autônoma é uma superação da moral heterônoma. Nela a noção do Bem é derivada dos deveres. Na heteronomia a obediência à lei é toda a moral, e seu fundamento. Na autonomia, não somente tal obediência é apenas parte da moral como deixa de ser seu fundamento, que passa a ser a reciprocidade, o contrato, o projeto comum. Para Piaget, o desenvolvimento da criança em direção à moral autônoma se dá porque, nela, o sujeito investe sua personalidade, sua identidade, enquanto na moral heterônoma, a moral permanece superficial, periférica à consciência (DEMO, 2001; LA TAILLE; HOFFMANN, 2001).

Por todos estes fatores, a escola é, junto com a família, a instituição social que maiores repercussões tem para a criança (COLL; PALACIOS; MARCHESI, 1995).

3.3 JUNTANDO OS NÓS: SOCIALIZAÇÃO, MORALIDADE, ESCOLA

Para o construtivismo, a criança desenvolve sua aprendizagem "através das relações com o meio (ambiente em que ela está inserida e com que se relaciona) e o desenvolvimento moral não está separado desta premissa" (PIAGET, 1932, *apud* CAMARGO, 2004, p. 22). Entende que o conhecimento não é inato, mas que a criança possui capacidades para aprender, adquiridas *a priori,* e que são desenvolvidas na relação com os objetos e pessoas, através dos sentidos.

Refletindo sobre a questão moral na criança, Piaget (1994), coloca na conclusão de sua pesquisa que a pessoa sozinha não é capaz de realizar uma tomada de consciência (operação ligada a um conjunto de condições

psicológicas e que traça um paralelismo genético entre a constituição da consciência lógica e da consciência moral), assim como não consegue constituir as normas propriamente ditas. Isso tudo é um produto coletivo. Logo, a vida social é necessária, pois será ela que permitirá à criança tomar consciência do funcionamento do espírito e transformar em normas os simples equilíbrios funcionais imanentes a toda atividade mental ou mesmo vital. (LINCH, 2002).

Piaget (1994) coloca que assim como há o desenvolvimento intelectual da criança, existe o desenvolvimento da moralidade, que se desenvolve a partir da qualidade das relações interpessoais, oportunizadas e vivenciadas. Quanto mais houver cooperação e respeito mútuo nestas relações, mais facilmente se desenvolverá a autonomia.

Quando uma criança convive com situações onde é confrontada, levada à reflexão, estimulada a participar na solução de ações, passa a agir de forma autônoma, sem necessitar, muitas vezes, da presença de um adulto para resolver um conflito. Para que esse desenvolvimento moral aconteça de forma positiva e que tenha resultados, vai depender do meio social em que cada criança está inserida, e de como são trabalhados esses aspectos com as crianças, pois a autonomia não está centrada apenas em aspectos morais, mas também em questões emocionais. Como a criança passa grande parte do cotidiano na escola, surge a importância do professor desempenhar um trabalho que atinja o desenvolvimento de sua autonomia, desenvolvendo-lhe além dos aspectos intelectuais, os sociais, afetivos, morais e comportamentais.

Esses aspectos são relevantes no desenvolvimento da criança e deveriam ser considerados como objetivo amplo da educação. Kamii (1992) representa claramente esse desejo na figura a seguir:

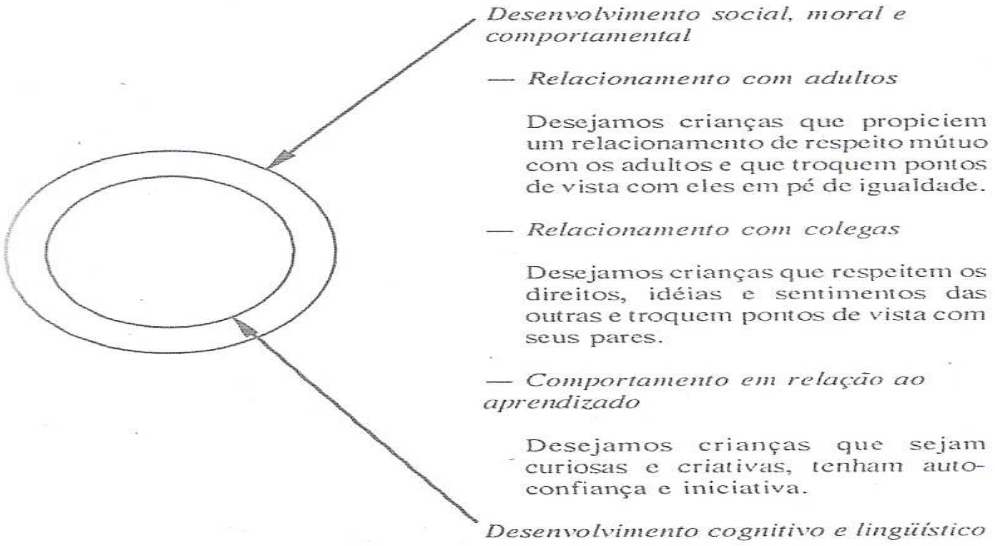


Figura 1 – Construção hierárquica das metas no contexto da autonomia tida como objetivo amplo da educação.
Fonte: KAMII (1992, p. 79).

Vemos que no círculo menor se encontra a representação do que seriam as metas relacionadas ao desenvolvimento cognitivo da criança e, no círculo maior, estariam as metas relacionadas ao desenvolvimento social, moral e comportamental da criança na escola. A partir disso, podemos ver que as metas sociais e morais são estabelecidas antes das metas cognitivas, pois o desenvolvimento cognitivo só irá ocorrer em um contexto social. Portanto, para que ocorra o desenvolvimento cognitivo do aluno, é necessário a existência de relações e trocas das crianças entre si e entre as crianças e o professor.

A escola, mesmo sem dar-se conta, contribui para o desenvolvimento moral de seus alunos, pois é impossível separar o diálogo diário estabelecido em sala de aula dos inúmeros momentos de conflitos e divergências que ocorrem no ambiente escolar. Nestes momentos, o professor precisa retomar regras, normas e comportamentos, orientando os alunos sobre o certo e o errado para um bom convívio social, levando-os a construírem sua autonomia moral.

No capítulo a seguir, apresento algumas situações vivenciadas em sala de aula durante a realização de meu estágio do Curso de Pedagogia. Tais

vivências possibilitaram às crianças momentos de socialização, tornando possível a tomada de decisões e a resolução de conflitos em determinadas situações, contribuindo, desta forma, para o entendimento dos alunos de que, para o bom convívio social, é necessário o respeito a determinadas regras e a adoção de uma postura de cooperação, reciprocidade e respeito mútuo com os demais, fatores estes, imprescindíveis no desenvolvimento da moralidade.

4 A SOCIALIZAÇÃO E A MORALIDADE NAS VIVÊNCIAS DE SALA DE AULA

Durante a realização desta prática, desenvolvi a temática sobre a escola onde foram abordados os aspectos físico-territoriais desta instituição escolar, analisando-se estes espaços através da representação de trajetos e confecção de maquetes; o conhecimento sobre a história de vida da escola, através da elaboração de textos, montagem de painel com fotos e entrevista com professora e ex-alunos.

E, sobretudo, ao desenvolver este trabalho, tive a intenção de levar os alunos à análise de que o espaço escolar não pressupõe apenas um espaço para estudar, adquirindo-se novos conhecimentos, mas também um espaço de convívio de muitas pessoas, cujo trabalho de cada um, apoiado em regras e convenções desta instituição, permite o seu funcionamento.

A escola é um espaço de conviver: com meus colegas, professores, funcionários, criando laços de amizade e respeito, desenvolvendo a sociabilidade, pois a escola é um espaço determinante na formação social do indivíduo.

A qualidade destas relações de convívio, principalmente entre professor e aluno, determinam um ambiente escolar mais agradável, com uma aprendizagem mais eficaz e qualitativa, além de promover o desenvolvimento da moralidade.

Aprendizagem e socialização caminham juntas: uma é condição necessária à outra, pois a vida intelectual e a vida afetiva são partes inseparáveis do mesmo processo de desenvolvimento do indivíduo.O bloqueio das relações sociais e afetivas, também na escola, pode conduzir ao bloqueio

na capacidade cognitiva. Cabe à educação escolar oferecer sistematicamente aos alunos oportunidades de convivência social, através das quais ela estará vivenciando as regras próprias desse convívio (ANTUNES, MENANDRO, PAGANELLI, 1993).

No clima da sala de aula, na relação professor-aluno, aluno-colegas, estarão estabelecidas as condições favoráveis - ou não - ao desenvolvimento da socialização da criança (ANTUNES, MENANDRO, PAGANELLI, 1993).

Em sala de aula, para facilitar o processo de socialização, podemos sentar os alunos em grupos, sugerir trabalhos e/ou atividades que sejam feitas em grupos para que eles possam auxiliar um ao outro, decidir como executarão determinada tarefa, distribuindo-as entre si, buscar soluções para problemas que surgem.

A grande maioria das atividades realizadas durante o desenvolvimento desta temática, constituíram-se de trabalhos em grupo em que os alunos decidiram sobre muitas questões quanto a elaboração e execução de tais atividades, realizando troca entre seus pares, cooperando, respeitando os pontos de vista dos demais, desta forma, contribuindo para a concretização das tarefas.

Trago, também, o relato de situações experimentadas no pequeno e grande grupo onde surgiram conflitos, sendo as crianças levadas a solucioná-los refletindo sobre seus atos e cooperando com os demais.

Hoje, o papel do professor vai muito além da prática pedagógica. Ações educativas que visem desenvolver nos alunos questões sociais e de convivência possibilitam a formação de indivíduos capazes de descentrar, respeitar e socializar-se com os demais.

Relacionado à ideia deste trabalho, Rangel (1992), afirma que o desenvolvimento de personalidades autônomas é possível num ambiente onde há uma intensa relação com o grupo, entre seus pares, onde a criança passa a descentrar melhor suas ações, respeitar, cooperar com seu grupo e refletir sobre seus atos.

Além disso, por mais que o adulto tende diminuir sua autoridade perante a criança, a mesma percebe que há uma diferenciação de poderes, onde o adulto leva vantagem.

No convívio com os colegas a criança tem maior liberdade, adquirindo e construindo seus valores morais.

Desta forma, podemos afirmar que o desenvolvimento moral só é possível dentro de um grupo, num espaço que possibilite esta socialização, pois não se pode educar moralmente sem o convívio social.

Nesta linha de raciocínio, busquei desenvolver um trabalho visando a interação das crianças com os adultos e com seus pares, ampliando suas possibilidades de desenvolvimento moral.

Agrupo tais atividades de acordo com determinadas características observadas por mim, durante a realização destes trabalhos pelos alunos. Características estas que envolviam determinados comportamentos e atitudes das crianças diante de uma situação a ser resolvida, da atividade a ser realizada.

4.1 PROCESSO DE NEGOCIAÇÃO

Figura 2 – Construção de maquetes

Uma das situações desenvolvidas junto a turma foi a confecção de maquetes representando o espaço físico da escola (Figura 2). Para isso, as crianças levaram para a escola material de sucata limpo (caixas de diversas embalagens). Todo o material foi classificado pelas crianças, em pequenos grupos, levando-se em consideração os atributos forma e tamanho. Após a

classificação, o material ficou a disposição do grande grupo para que cada grupo, por sua vez, fizesse suas escolhas.

Além de todas as questões cognitivas que envolveram a representação do espaço físico escolar em um outro espaço menor (nesse caso, a folha de isopor), os alunos tiveram que trocar muitas ideias, entre eles, sobre o material que utilizariam e de que forma iriam organizá-los neste espaço. Para tornar possível a organização, alguns alunos argumentavam, na tentativa de convencer os demais integrantes do grupo sobre a melhor forma de organizar o trabalho, outros, por sua vez, cediam em suas escolhas, aceitando diferentes opiniões.

Dois aspectos merecem destaque na realização desta atividade: o primeiro foi o de que não houve, de minha parte, nenhuma interferência, pois não houve desentendimentos entre os alunos. O segundo aspecto foi o de que, sem eu mencionar nada, os grupos que iam finalizando seus trabalhos, começaram a ajudar os demais, num clima de total cooperação.

Nesta atividade, os alunos foram capazes de cooperar, respeitar, descentrar, socializar-se com seus pares, tendo autonomia, confiança e participação, sendo co-autores de suas produções.

4.2 TOMADA DE DECISÕES

Figura 3 – Montagem do painel

Figura 4 – Construção da linha de tempo

Após estudarmos sobre a história de nossa escola, os alunos decidiram montar um painel com fotos (Figura 3). Ideia sugerida pelas crianças, após elas terem manuseado material existente na secretaria da escola, alusivo aos 65 anos de sua fundação.

Os alunos ficaram responsáveis por conseguir as fotos e as informações que as mesmas continham. Em sala, após os alunos mostrarem suas fotos aos demais, perceberam que havia poucas fotos antigas, que mostrassem o prédio antigo de nossa escola, ex-alunos, ex-professores.

Os alunos, então, entraram em contato com os professores, na tentativa de conseguir fotos mais antigas, pois muitos de nossos professores trabalham na escola há anos, estando prestes a se aposentar.

Eu entrei em contato com uma professora aposentada e que trabalhou em nossa escola desde a sua fundação.

Com mais material nas mãos, os alunos discutiram sobre a melhor maneira de dispor estas fotos no painel. A sugestão de que elas fossem afixadas em ordem crescente, observando-se o ano, teve a aceitação de todos. Além disso, seria necessário escrever algo sobre elas, com informações necessárias para a compreensão de quem olhasse o trabalho (Figura 4).

Para que os alunos realizassem essa atividade, precisaram coletar dados na família, na escola, com outros alunos e professores.

Tomaram decisões no pequeno e grande grupo, participando e cooperando em todas as situações, refletindo sobre estas decisões no andamento e concretização do trabalho.

A atividade foi possível devido a esta intensa troca entre os alunos, oportunizando-se, novamente, a troca entre os pares, as relações interpessoais, que devem visar o favorecimento da cooperação e do respeito mútuo.

As crianças demonstraram muita curiosidade pelas fotos antigas que eu consegui com a professora aposentada. Perguntaram-me se ela ainda era viva, onde morava, o que fazia atualmente. Então, sugeri que a convidássemos para uma entrevista.

4.2.1 A entrevista com Dona Norma

Considerando a escola como um ambiente de convívio, um espaço de muitas relações, D. Norma, professora aposentada e que trabalhou em nossa escola desde a sua fundação, foi convidada para conversar conosco e nos contar muitas de suas histórias.

Surgiu também a ideia de convidarmos mães de nossos alunos que haviam estudado na escola.

A mãe do aluno E, da nossa sala, participou da entrevista bem como a mãe do aluno M, da 5ª série.

Dona Norma resgatou, através de suas histórias, tanto a importância desta escola para a comunidade como o relacionamento entre professor e aluno e entre os próprios alunos.

As mães confirmaram a importância da escola uma vez que muitos parentes, em cada família, estudaram nela. Professores que hoje dão aula na escola, estudaram aqui. Mães de nossas professoras, também estudaram.

Um momento muito especial foi o encontro entre a Dona Norma e Dona Maristela (mãe de 2 alunos da escola).

Dona Norma havia sido professora de Maristela e uma não sabia que a outra estaria presente na sala naquele dia para serem entrevistadas. Quando se viram, deram-se um forte abraço demonstrando que ambas sentiam saudades e que, por conta disto, tiveram um bom relacionamento (Figura 5).

Este bom relacionamento entre professor e aluno ficou ainda mais evidenciado quando D. Norma retirou de dentro de um envelope, um convite de formatura de um de seus ex-alunos (estudante de nossa escola). D. Norma foi à formatura e guarda este convite (Figura 7), como uma lembrança de um grande carinho.

Outro momento especial foi quando ela nos disse que, a figueira cujo projeto foi adaptado na construção da escola, para preservá-la, foi plantada por ela (Figura 6). Percebemos que Dona Norma não vinha na escola apenas para dar aula aos alunos, sua relação ia além.

Figura 5 – D. Norma e Maristela

Figura 6 – A Figueira

Faculdade de Medicina Universidade de Passo Fundo

Renato Ferreira da Silva

doutorando(a) da 1ª turma da Faculdade de Medicina de Passo Fundo, sentir-se-á honrado(a) com a presença de V. S. e Exma. Família às solenidades de Formatura.

Programa

Dia 19 de dezembro de 1975

18:00 horas - Culto Ecumênico Catedral Diocesana

20:30 horas - Colação de Grau - Cine-Teatro Sampaio

23:00 horas - Baile de Gala no Clube Caixeiral

Figura 7 – Convite de formatura

Para que a entrevista acontecesse, as crianças formularam as perguntas que seriam feitas tanto para a D. Norma como para as mães. Decidiram como iriam proceder para realizá-las (cada aluno leria uma), e também qual a melhor forma de dispor as cadeiras e mesas para que D. Norma pudesse conceder a entrevista sentada (pois é uma pessoa de idade). Por isso, as crianças decidiram expor as cadeiras em semi-círculo.

Conforme Araújo, 1996, a autoridade do professor é inerente a sua função e necessária ao ato pedagógico. O prestígio ou a autoridade está presente na relação professor-aluno e para que ocorra o desenvolvimento moral, o professor precisa fazer com que a criança participe ativamente da organização das regras e decisões da sala de aula. Que seja solicitada para trabalhar em grupo.

Quando o professor permite aos alunos exporem suas ideias contribuindo na tomada de decisões, legitima sua autoridade pela competência e não pelo autoritarismo.

4.3 RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

A situação que relato ocorreu numa aula de Educação Física realizada dentro da sala de aula porque estava chovendo.

As crianças estavam brincando com jogos.

Um grupo de meninos reuniu-se em um canto da sala para jogar memória. Após as combinações iniciais começaram a jogar.

Alguns minutos depois, percebi que estavam discutindo. Resolvi não interferir, até que pedissem minha ajuda. Logo em seguida alguém do grupo me chamou, dizendo que não era possível continuar o jogo.Quando cheguei, questionei o grupo:

- O que está acontecendo? (professora)

Alguns meninos falaram:

- Ah profª, o M não está sabendo jogar, ele fica só espiando as cartas. Nós já pedimos para ele parar e ele não pára! (grupo de alunos).

- O que vocês sugerem para resolver esta situação? (professora).

- Acho que ele deve sair do jogo. (aluno A).

- Eu também acho, ele não está respeitando as regras. (aluno B).

Questionei o aluno que havia provocado o conflito:

- E você M, o que tem a dizer? (professora).

- Eu quero jogar, prometo que não vou mais olhar! (aluno M).

-Ah! Isso você disse antes e continuou espiando. (aluno A).

Após a colocação do aluno M, retomei a conversa com o grupo

- Então, o que vocês acham que ele deve fazer? (professora).

- Acho que ele deve sair do jogo. (aluno C).

Como todos estavam com esta ideia, resolvi questionar o grupo:

- Mas vocês gostariam de ser excluídos totalmente de um jogo sem receber uma chance? (professora).

- Tá bom! Ele sai e volta quando prometer não mais espiar. Pode ser? (aluno B).

- Ou ele fica algumas rodadas sem jogar, para ver se respeita as regras. (aluno C).

Questionei os outros alunos da turma para ver o que eles achavam:

- O que os outros acham? (professora).

- Concordamos que ele deve voltar só quando não espiar mais para aprender a obedecer as regras e não trapacear porque senão, ninguém mais vai querer brincar com ele.(grupo de alunos da turma).

Após esse questionamento, o grupo chegou a um acordo que fosse bom para todos e ao mesmo tempo fizesse o colega pensar sobre sua atitude,

colocando-se no lugar dos seus colegas,ou seja, descentrasse, percebendo que havia agido errado, podendo assim, voltar para o jogo mais tarde de forma que não criasse mais atrito.

Rangel (1992) afirma ser a descentração um movimento necessário ao surgimento das leis de reciprocidade para que a criança possa construir novos pontos de vista.

Outra situação na qual houve resolução de conflitos foi num jogo de futebol

Duas vezes por mês, nas aulas de Educação Física, deixo as crianças jogarem futebol, pois eles adoram!

Alguns jogos se passaram e as crianças começaram a reclamar de um mesmo colega dizendo que ele estava agressivo e muito "fominha", ou seja, não passava a bola para ninguém.

Nas primeiras vezes, conversei com o aluno *L*, dizendo-lhe que se ele continuasse agindo assim, os colegas não iriam mais querer jogar com ele, que ele deveria jogar conforme as regras combinadas.

Mesmo assim, as reclamações continuaram. Então, decidi lançar a situação para os alunos resolverem, fazendo questionamentos e interferências esperando que me dessem a solução.

- O que está acontecendo no jogo de futebol? (professora).

- O L não tá sabendo jogar direito! (aluno A).

- Ele fica brigando e, às vezes, machuca a gente. (aluno B).

- E ainda por cima, não passa a bola para ninguém do time dele. (aluno C).

- Dizemos para ele jogar direito mas ele não ouve e ainda nos xinga. (aluno D).

- Já que o colega não respeita as regras e tem sido agressivo, qual a melhor maneira de resolvermos a questão? (professora).

Nesse momento, um dos alunos mais indignados com a situação respondeu:

- Para mim, ele não joga nunca mais! (aluno A).

- Você sempre jogou obedecendo todas as regras, nunca brigou com ninguém durante o jogo? (professora).

- Nem sempre! Algumas vezes nós nos desentendemos, mas acabamos nos entendendo depois! Mas ele nunca se entende com a gente! (aluno A).

- Eu acho que ele merecia um castigo! (aluno B).

- Profª, porque tu não deixa ele sem Educação Física na próxima semana? (aluno C).

- É! Assim ele decidi que quando quiser jogar direito, poderá voltar. (aluno D).

- O que os outros acham? (professora).

- Achamos que assim é justo! (grupo de alunos da turma).

Então, a combinação feita foi a seguinte:

- Fica combinado que na próxima aula de Educação Física, o aluno L não jogará futebol, não podendo brincar com os meninos. Só poderá voltar quando se comprometer a respeitar as combinações do grupo (professora).

Segundo Piaget (1932), a sanção é a exclusão momentânea ou definitiva, do próprio grupo social.

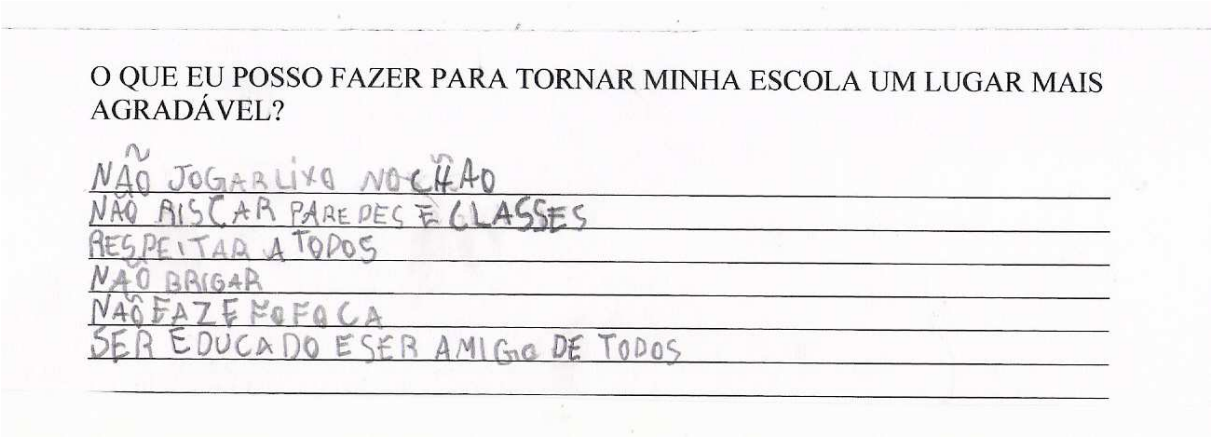
Nesses exemplos trazidos: jogo da memória e o futebol, foram utilizadas as sanções por reciprocidade e descentração, onde os alunos foram levados a pensar sobre suas atitudes sendo a punição recebida, ligada diretamente ao ato infringido. Os demais envolvidos contribuíram na solução das situações que lhes estavam importunando, também se colocando no lugar do colega antes de dar alguma sugestão. Desta forma, os alunos trocam ideias entre si contribuindo para seu crescimento.

4.4 MOMENTOS DE ANÁLISE E REFLEXÃO

A escola é um ambiente de convívio, onde existem regras, direitos e deveres, cuja obediência e respeito são necessários ao bem estar de todos, exigindo-nos colaboração.

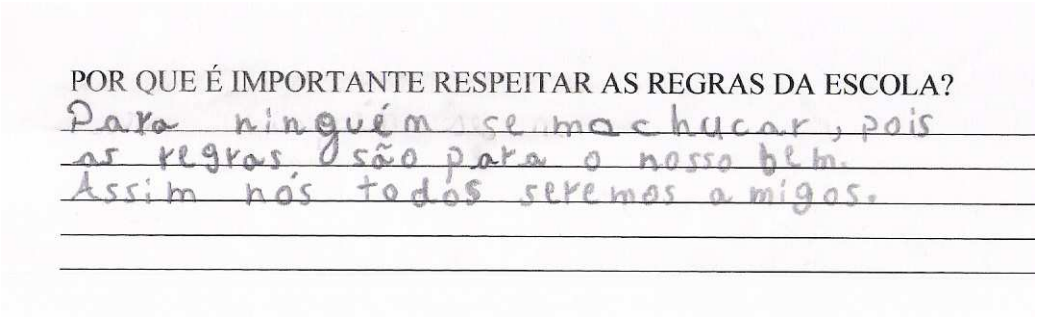
No sentido de transmitir estes princípios às crianças, fazendo-as compreender a importância dos mesmos, os alunos foram desafiados a pensar sobre as questões abaixo, colocando suas opiniões.

A seguir, seguem alguns registros:


O QUE EU POSSO FAZER PARA TORNAR MINHA ESCOLA UM LUGAR MAIS AGRADÁVEL?

NÃO JOGAR LIXO NO CHÃO
NÃO RISCAR PAREDES E CLASSES
RESPEITAR A TODOS
NÃO BRIGAR
NÃO FAZER FOFOCA
SER EDUCADO E SER AMIGO DE TODOS

Figura 8 – Atitudes para uma escola mais agradável


POR QUE É IMPORTANTE RESPEITAR AS REGRAS DA ESCOLA?

Para ninguém se machucar, pois
as regras são para o nosso bem.
Assim nós todos seremos amigos.

Figura 9 – A importância do respeito às regras da escola

Na Figura 8, o aluno demonstra existir, na escola, regras e convenções e que o respeito a estas se faz necessário tanto para o funcionamento da escola como para a boa convivência entre os demais. As regras combinadas e elaboradas pelos alunos são entendidas como necessárias ao bom relacionamento e convívio no grupo, onde cada um deve fazer o que lhe cabe.

Na Figura 9, o aluno compreende que as regras, mesmo quando colocadas pela instituição de ensino, visam à proteção dos alunos e a harmonia no ambiente escolar.

Quando conversamos sobre as regras, questionei aos alunos se achavam as regras da escola importantes, necessárias e justas. Eis o diálogo que se seguiu:

- Todo lugar onde vivem pessoas existem regras, até na nossa casa. É importante para que as pessoas saibam o que podem e o que não podem fazer, senão, as coisas não funcionam! (aluno A).

- Na escola precisa existir regras porque senão cada um faz o que quer. (aluno B).

- As regras existem para que ninguém machuque ou prejudique outra pessoa, para todo mundo se dar bem, para todo mundo se respeitar, para a escola funcionar direito (aluno C).

- As regras ensinam para a gente o que é certo ou errado (aluno D).

- Se alguém não cumpre um regra, deve-se explicar para essa pessoa, mas se ela não se importa, deve receber uma punição (aluno E).

- É! As coisas devem ser justas para todo mundo (aluno F).

Existe alguma regra na escola que vocês não gostam de respeitar?Acham que ela não deveria existir?(professora).

- A única regra que não gostamos é não poder brincar de pegar no recreio ou de esconde esconde.sabemos que é para a gente não se machucar, mas temos vontade de brincar quando chega o recreio. (aluno A).

- É! Tem pessoas que se machucam e nem estavam correndo.(aluno B).

- É que alguns correm e outros querem "voar"(aluno C).

- Quem quer "voar" tem que ficar sem recreio (aluno D).

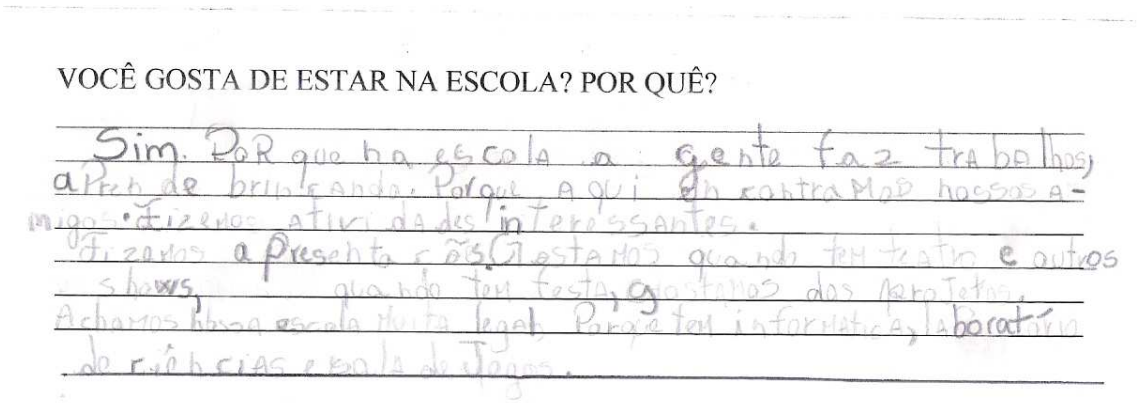
- Isso é verdade! (vários alunos).

- Eu acho que no próximo ano esse assunto tem que ser mais discutido entre os professores e os alunos (aluno E).

Nesta conversa sobre as regras, os alunos consideram que elas foram elaboradas para o bem deles, por pessoas (professores, diretora, supervisora), que sabem o que é o melhor para todos os alunos.

Nos reportando à teoria de Piaget, (1932), percebemos o respeito unilateral, ou seja, a coordenação dos sentimentos de amor e temor, surgindo na obediência às regras colocadas por pessoas mais velhas, ao mesmo tempo,

dada a oportunidade de discuti-las, já apresentam argumentos para contestação, onde percebe-se estarem se afirmando em sua autonomia.


VOCÊ GOSTA DE ESTAR NA ESCOLA? POR QUÊ?

Sim. Por que na escola a gente faz trabalhos, aprende brincando. Porque aqui encontramos nossos amigos. Fizemos atividades interessantes. Fizemos apresentações. Gostamos quando tem teatro e outros shows, quando tem festa, gostamos dos projetos. Achamos nossa escola muito legal. Porque tem informática, laboratório de ciências e sala de jogos.

Figura 10 – Por que gostar de estar na escola

No trabalho acima representado (Figura 10), o aluno apresenta a seguinte resposta:

Sim. Porque na escola a gente faz trabalhos, aprende brincando. Porque aqui encontramos nossos amigos. Fizemos atividades interessantes.

Fizemos apresentações. Gostamos quando tem teatro e outros shows, quando tem festa. Gostamos dos projetos. Achamos nossa escola muito legal porque tem informática, laboratório de Ciências e sala de jogos.

Nestas respostas ficou evidenciado o gostar de aprender através de atividades interessantes, o contato com os amigos e aquilo que a escola pode proporcionar, além do pedagógico.

O QUE EU ESPERO DA

DIREÇÃO	PROFESSORAS
todos são muito legais e dedicados. que riamos ter musica na hora do recreio	que ensinem seus alunos os professoras devem chamar a atenção quando os alunos fazem uma coisa errada Pois assim eles são aprender o que é certo e o que e erado
FUNCIONÁRIOS	**ESCOLA**
que as merendeiras continuam fazendo uma merenda muito boa. os tios da limpeza cuidando da escola para que ela fique limpa que continue sendo legais como eles são	que continue bonita e que todos ajudem a cuida dela.

ALUNOS

que os alunos cuidem da escola não sujando as paredes e os banheiros

que respeitem os professoras, que não briguem que todos sejam Amigos.

Figura 11 – O que o aluno espera da escola

Analisando as respostas dadas pelos alunos no trabalho acima (Figura 11), pode-se constatar que nenhuma criança veicula o saber adquirido na escola como algo importante para o seu futuro. O fato de o gostar da escola está associado à oportunidade que os alunos têm de encontrar os amigos e viver essa sociabilidade, confirmando ser a escola uma das principais instâncias de socialização dessas crianças.

Como em nosso bairro, as oportunidades de lazer são inexistentes, não havendo espaços públicos para tal, festas e promoções realizadas na escola passam a ser eventos de muita importância para os alunos.

Pela resposta dos alunos, percebe-se que a escola é um ambiente em que eles gostam de estar. Depois da realização deste trabalho, em muitos momentos, sem que eles percebessem, já os vi juntarem lixo do chão (sem ninguém pedir que o fizessem). Já os vi colarem uma folha de volta na parede por ela ter caído no chão (e não ser trabalhos de nossa turma). Fecharem torneiras abertas, avisarem-me quando esqueço de desligar a luz ao sair da sala, dirigirem-se, com extrema educação, a uma outra sala.

Em sala de aula, são capazes de trabalhar em grupo, respeitando a opinião dos demais, cumprindo as regras que são estabelecidas neste mesmo grupo.

A escola deve proporcionar um ambiente social onde as crianças resolvam seus conflitos pelo diálogo, através do convívio com seu semelhante, através do qual, ele aprenda a respeitar os outros ao mesmo tempo que se sinta respeitado e valorizado. Assim, estaremos contribuindo para o desenvolvimento da autonomia moral de nossos alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que uma criança saia do estágio da heteronomia, atingindo a autonomia moral, é necessário que saiba descentrar, respeitar, cooperar, refletir sobre seus atos, enxergar diferentes pontos de vista. Todo esse processo não é inato no ser humano, precisa ser desenvolvido tanto quanto sua intelectualidade, e a escola, quando possibilita um ambiente que permita uma intensa relação com o grupo, a troca de ideias, a resolução de conflitos, a reflexão sobre os atos praticados, proporcionando vivências de cooperação entre os alunos, permite que os mesmos não fiquem condicionados à heteronomia, pois a moralidade só é possibilitada dentro das relações interpessoais, dentro de um grupo, num espaço que possibilite a socialização. Portanto, a escola pode ser este espaço, contribuindo para a formação de personalidades autônomas, dada a grande importância que a escola tem, enquanto grupo social, interferindo significativamente na construção dos valores morais da criança, juntamente com a família.

Neste trabalho, realizado numa escola pública com crianças na faixa etária dos 8 aos 12 anos, procurei analisar como as práticas educativas contribuem para o desenvolvimento da autonomia moral dos alunos, partindo-se da hipótese de que a escola, enquanto grupo social, através do convívio diário e da troca entre os pares, contribui para o desenvolvimento moral autônomo.

A reflexão a partir das várias situações vivenciadas pelas crianças da turma mostrou que a escola pode e deve oferecer oportunidades de convívio social aos alunos, firmadas nas relações entre os próprios alunos e destes com o professor. A disposição das classes em sala, permitindo aos alunos trabalharem em duplas e/ou trios; a realização de trabalhos grupais; a

discussão na execução de tarefas; a busca por soluções para problemas que surgem; a discussão na resolução de conflitos, facilitam o processo de socialização. Isso tudo tendo o professor como mediador, onde a relação entre professor e alunos não seja de coação, proibindo troca entre ambos e impondo regras sem que os alunos as compreendam como necessárias ao bom convívio social.

É no convívio que as regras se fazem necessárias. Na escola, o aluno tem direitos e obrigações e a troca entre os pares possibilita-lhe inúmeras experiências, expandindo seus horizontes. É muito importante a argumentação do professor para que saiba retomar as regras dentro das circunstâncias que as exigem, para que estas mesmas regras possam fazer sentido para a criança, levando-a a desenvolver um pensamento racional e autônomo, contribuindo para uma melhor socialização.

Quando o professor apresenta uma boa argumentação para a classe, em relação ao respeito de determinadas regras para o bom convívio no grupo e a importância do respeito e da cooperação entre os indivíduos, percebe estes alunos reagirem de forma positiva a tais argumentos, considerando a turma com a qual realizei este trabalho. Isso por ter percebido que muitas ações dos alunos não voltavam a acontecer após termos conversado sobre o assunto ou termos resolvido algum conflito.

Conflitos na escola entre professores e alunos, associados ou promovidos por uma total falta de respeito, tornam-se praticamente diários em nossas escolas. Resolver conflitos é algo que cansa, que exige paciência, disciplina e bom senso. Por outro lado, não resolvê-los desta forma, é deixar espaço para que o problema venha sempre à tona, portanto, conceber a escola como um espaço para além do estudar, concebê-la como um espaço de convívio, de muitas relações, e o respeito à essa diferentes relações, tornando a escola um ambiente agradável, é fator imprescindível para se desenvolver a moralidade, fazendo destes conflitos, oportunidades de aprendizagem.

A escola deve assumir sua parceria com a família na formação de seres humanos autônomos, pois se ignorarmos tal responsabilidade, nossas escolas continuarão sendo palco de conflitos cada vez maiores e nossos alunos vítimas de constante vigilância e punições.

A troca entre os pares e os momentos de socialização oportunizadas em muitos momentos em sala de aula e fora dela, foram mais fáceis de serem evidenciados, porém, a resolução de alguns conflitos entre os alunos, foram mais difíceis pelo fato de que envolvia conversação. Como geralmente, não registramos as conversas que temos com os alunos, ao transpô-las para o papel, podemos deixar de mencionar alguns elementos.

Com a realização deste trabalho, concluí ser possível, na prática diária de sala de aula, utilizar ações pedagógicas que possibilitem às crianças o desenvolvimento de sua sociabilidade, através da troca entre os pares, da resolução de conflitos levando os alunos a adquirirem a capacidade de descentrar e respeitar seu semelhante, desenvolvendo, desta forma, sua autonomia moral.

Compreendo hoje, que minha prática pedagógica não deve primar somente o aspecto cognitivo, e sim educar o aluno integralmente, desenvolvendo-lhe atitudes importantes ao bom convívio social.

Ao pesquisar sobre as fases do desenvolvimento moral da criança segundo Piaget, tive oportunidade de refletir sobre o meu papel enquanto mãe, possibilitando educar meus filhos de maneira a levá-los à autonomia moral. Enquanto educadora, obter conhecimentos que em levassem a perceber o nível de desenvolvimento moral de meus alunos, ajudando-os a desenvolver sua moralidade, através de ações pedagógicas adequadas e do relacionamento interpessoal.

Pelos motivos acima apresentados, espero que este trabalho possa ter utilidade para aqueles que realizarem sua leitura.

Como em qualquer estudo de caso, as conclusões deste trabalho não podem ser generalizadas.

Como forma de continuidade do presente estudo percebe-se que a reflexão sobre autonomia moral pode nos remeter ao estudo sobre a indisciplina no ambiente escolar, a falta de limites e a importância da família na construção destes limites bem como no desenvolvimento moral autônomo.

Outra continuidade possível é sobre a Síndrome de Burnout. Como a resolução de conflitos gera um nível de estresse muito grande, o estudo sobre a Síndrome de Burnot no trabalho docente, e a importância da harmonia no ambiente de trabalho para que o professor também consiga transformar sua

sala de aula em um ambiente cooperativo e harmônico, podem ser assuntos a serem desenvolvidos a partir dos estudos sobre a socialização na escola e a autonomia moral.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Aracy do Rego; MENANDRO, Heloísa Fesch; PAGANELLI, Tomoko Iyda. **Estudos Sociais: teoria e prática.** Rio de Janeiro: Access, 1993.

ARAÚJO, Ulisses F. O ambiente escolar e o desenvolvimento do juízo moral infantil. In: MACEDO, Lino de. (Org.). **Cinco estudos de educação moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. Coleção Psicologia e Educação. p. 105-136.

ARAÚJO, Ulisses F. Escola, democracia e a construção de personalidades morais. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022000000200007>. Acesso em: 03 nov. 2010.

ARROYO, Miguel. Fracasso-sucesso: O peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. In: ABRAMOWICZ, Anete; MOLL, Jaqueline (Orgs.). **Para além do fracasso escolar**. São Paulo: Papirus, 1997, p. 43-56.

BORSA, Juliane Callegaro. **O papel da escola no processo de socialização infantil**. PUCRS, RS. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0351.pdf.>. Acesso em: 02 nov. 2010.

CAMARGO, Liseane Silveira. A autoria de pensamento em sala de aula: um projeto ou uma necessidade? In: ANTUNES, Adriana Heidrich; BRAZIL, Angelita Vargas; ZIEGER, Lilian; CAMARGO, Liseane Silveira (Org.). **Armazém de Ideias**. 1 ed. Porto Alegre-RS: JOB Gráfica e Editora, 2004, p. 21-30.

CAMARGO, Liseane Silveira. Reflexões sobre a moralidade na escola. **Cadernos FAPA,** v. Esp., p. 168-171, 2008 a.

CAMARGO, Liseane Silveira. **As relações interpessoais e o desenvolvimento da moralidade.** In: II Simpósio Internacional de Educação e V Fórum Nacional de Educação, 2008 b, Torres/RS.

CARNEIRO, Neri P. **A Moralidade**. 2008. Disponível em: <http://www.artigonal.com/educacao-artigos/a-moralidade-370035.html>. Acesso em: 19 nov. 2010.

COLL, César S. **Psicologia da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

DEMO, P; LA TAILLE, Y; HOFFMANN, J. **Grandes pensadores em educação: o desafio da aprendizagem, da formação moral e da avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

DUBET, François. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.5/6, p. 222-231, mai/dez. 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HÉRBRARD, Jean. O objetivo da escola é a cultura não a vida mesma. In: **Presença pedagógica**. Belo Horizonte: Editora dimensão, v. 6 n. 33 mai/jun 2000, p. 5-17.

KAMII, Constance. **Aritmética: novas perspectivas – implicações na teoria de Piaget**. Tradução de Marcelo Cestari T. Lellis, Marta Rabioglio e Jorge José de oliveira. Campinas, SP: Papirus, 1992.

LINCH, Jaqueline Picetti. **Movimentos de exclusão escolar oculta.** Porto Alegre: UFRGS, 2002. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

MORALIDADE. Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com.br/filosofia/moralidade.htm>. Acesso em: 19 nov. 2010.

OUTEIRAL, José. **O mal estar na escola.** Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

PALACIOS, Jesús; COLL, C.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

PIAGET, Jean. **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1932.

_____**Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

_____ **Para onde vai a educação?** Tradução Ivete Braga. 10 ed. R.J.: José Olympio, 1988.

_____**O Juízo Moral na Criança**. Tradução de Elzon Lenardon. São Paulo: Summus, 1994.

RANGEL, Ana Cristina Souza. **Educação matemática e a construção do número pela criança: uma experiência em diferentes contextos sócio-econômicos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

SOCIALIZAÇÃO. In: ENCICLOPÉDIA Larousse Cultural. v. 22. São Paulo: 1999.

TOZONI, Reis Marília Freitas de Campos. **Metodologia da Pesquisa Científica.** 2. ed., Curitiba, 2009.

XAVIER, Maria Luísa M. Xavier. **Escola e mundo contemporâneo – novos tempos, novas exigências, novas possibilidades**. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/viewFile/5124/5854>. Acesso em 03 nov. 2010.

APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO DOS PAIS

Senhores pais/responsáveis:

Sou estudante do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e neste ano estarei realizando o meu estágio com práticas na turma de 3º ano, na E.M.E.F. Rui Barbosa, na qual o seu filho estuda.

Solicito a autorização dos responsáveis para o uso de imagens e fotografias dos alunos durante atividades escolares, assim como imagens dos trabalhos produzidos por eles. O uso destas imagens é para utilização exclusiva em endereços da internet e impressos vinculados ao curso de Pedagogia e em trabalhos produzidos para este fim acadêmico.

Grata,

Professora Clara Rosani Jacobus Haag

Aluno(a)……..

Nome do pai/mãe…….

Data:…….

Assinatura……...